



# Para uma história do Convento de São Gonçalo de Amarante

DANIEL JOSÉ SOARES RIBEIRO<sup>1</sup>

1 Técnico Superior de Arqueologia. Câmara Municipal de Amarante.

## RESUMO

O Convento de São Gonçalo de Amarante foi fundado em 1540, por D. João III e por D. Catarina de Habsburgo, no local onde, segundo vários autores, já existia uma ermida dedicada a Santa Maria, popularmente designada de Igreja de São Gonçalo. Local de peregrinação desde a Idade Média, a ermida, dita de São Gonçalo, viria a suscitar o interesse dos dominicanos que, com o patrocínio régio, estabelecem um convento. Tendo iniciado a sua construção em 1543, as obras do Convento de São Gonçalo irão sentir as vicissitudes políticas, culturais e ideológicas dos séculos XVI e XVII.

## PALAVRAS-CHAVE

São Gonçalo; dominicanos; Amarante; convento; arquitetura.

## ABSTRACT

The Saint Gonçalo's Convent of Amarante was built in 1540, by the King João III and the Queen Catarina of Habsburg, in the place where, for several authors, already it has an abbey of Saint Mary, popularly designed for Church of Saint Gonçalo. Place of pilgrimage since the Middle Ages, the chapel, called Saint Gonçalo, would come to arouse the interest of Dominicans who, with royal patronage, established a convent. Having started its construction in 1543, the build of Saint Gonçalo's Convent will feel the political, cultural and ideological conjunctures of the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries.

## KEYWORDS

Saint Gonçalo; Dominicans; Amarante; convent; architecture.

## 1. Breve nota hagiográfica

Embora a veracidade do beato Gonçalo de Amarante permaneça na incerteza, a tradição afirma que foi um varão pertencente à nobre família dos Pereiras, nascido no Paço de Arriconha, freguesia do Divino Salvador de Tagilde, Vizela, por volta de 1187<sup>1</sup> (Machado, 1979, p. 22).



**Figura 1.** Capela Tumular de São Gonçalo. Milagre dos Peixes de São Gonçalo. Pintura a óleo sobre tela, do século XVIII.

Desde a mais tenra idade é educado nos bons princípios cristãos que lhe parecem ser intrínsecos, a crer nos prodígios que alguns autores relatam, pelo menos, desde o seu baptismo e amamentação<sup>2</sup> (Sousa, 1990, p. 57). Quando atinge a mocidade, Gonçalo é conduzido a uma carreira eclesiástica, estudando as primeiras letras no Mosteiro Beneditino de Santa Maria de Pombeiro de Ribavizela e daí prossegue os estudos no Paço Arcebispal de Braga, onde viria a ser ordenado sacerdote (Sousa, 1990, p. 54).

<sup>1</sup> António Cardoso é mais modesto e baliza a vida de Gonçalo de Amarante no século XIII (Cardoso, 1978, p. 9).

<sup>2</sup> Um relato tão detalhado acerca de São Gonçalo revela-se um ato singular no conjunto da literatura hagiográfica medieval e moderna produzida em Portugal (Sousa, 1990, p. 57).

Enquanto sacerdote, o jovem Gonçalo recebe a Paróquia de São Paio de Vizela (Cunha, 1996, pp. 49-50) e, algum tempo depois, acabaria por ingressar na Colegiada dos Cônegos de Santa Maria da Oliveira, em Guimarães (Cunha, 1998, pp. 185-186).

Passados alguns anos, não satisfeito com a vida paroquial que levava e ardendo no desejo de conhecer e de percorrer os lugares santos do cristianismo, decide encetar uma peregrinação a Roma, para estar junto dos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo, seguindo, depois, para a Palestina, para ver com os próprios olhos os locais percorridos e vividos por Jesus Cristo (Cunha, 1996, pp. 55-60).

Após 14 anos de peregrinação, Gonçalo regressa à paróquia de São Paio de Vizela, que, durante a sua ausência, fora confiada a um sobrinho, o qual, por não ter cumprido as recomendações do tio, o expulsa de casa e da paróquia, soltando cães<sup>3</sup> (Sousa, 1977, pp. 168-169).

Desiludido com a vida opulenta e faustosa do seu substituto e deparando-se com o desrespeito aos ensinamentos e à humildade cristã, decide abandonar a vida paroquial e enceta por um *modus vivendi* mais contemplativo, eremítico e evangelizador. Embevecido neste espírito, toma o hábito da Ordem de São Domingos, que se encontra presente em Guimarães desde 1221 (Sousa, 1977, pp. 171-172).

Com esta nova forma de vida chegou ao Vale do Tâmega e, deparando-se com uma ermida arruinada dedicada a Santa Maria (Nossa Senhora da Assunção) (Cardoso, 1978, p. 12), localizada num ermo junto ao rio e nas imediações de uma ponte devoluta (Sousa, 1977, p. 173), aí se instalou e logo a tratou de recuperar para dela fazer a sua morada e o seu púlpito.

Calcorreando as povoações circunvizinhas, Frei Gonçalo, acompanhado por um irmão espiritual, Frei Lourenço Mendes (Cunha, 1996, p. 70), evangeliza e abençoa uniões matrimoniais, apoia e protege os mais desfavorecidos e realiza alguns prodígios (Sousa, 1977, pp. 176-179) que lhe vão conferindo notoriedade.

Por volta de 1250<sup>4</sup>, no decurso das suas ações pastorais, depara-se com as dificuldades e com o perigo que os seus fiéis corriam para poderem atravessar o rio, principalmente nas alturas em que este se apresentava mais caudaloso, e, na falta de alternativas, decide empreender ele próprio o restauro ou a reedificação da velha ponte romana (Sousa, 1977, pp. 172-174). Para a sua reconstrução terá contado com a participação de todos, desde os mais abastados, que contribuíram com alguns numerários e matérias-primas, até aos mais pobres, que, com o seu esforço, executaram a obra. Consta que o arquiteto fora o próprio santo. A ponte medieval haveria de perdurar até ao dia 10 de fevereiro de 1762 (Aires, 2021, p. 234), altura em que sucumbe face à turbulência das águas do Tâmega, no decurso de uma cheia, desmoronando-se por completo (Sardoeira, 1994, p. 8).

<sup>3</sup> "Passando muito tempo vey Saõ Gonçalo àquella terra muito mal vestido e maltratado do grande trabalho do caminho e com grande fome, e sede se pos à porta da igreja arrimado no seu bordão e chegada a hora de gentar pedio esmola à sua porta. Ouvindo os cães a voz do pobre começaraõ de ladrar, e vieraõ cõ grande fúria à porta para o morder, mas não desistio Saõ Gonçalo" (Cunha, 1996, p. 244).

<sup>4</sup> Segundo as *Memórias Paroquiais de 1758*, no ano de 1247 (Capela, 2009, p. 137).

Após a construção da ponte e do restabelecimento do tráfego, o frade dominicano continuou com a sua vida de pregador até ao dia da sua morte, alegadamente ocorrida a 10 de janeiro de 1259.

A partir de então, muitos foram aqueles que acorreram ao seu túmulo, instalado na mesma ermida onde residiu, para junto dos seus restos mortais pedirem ou agradecerem a sua intercessão.

A 16 de setembro de 1561, Gonçalo de Amarante é beatificado pelo Papa Pio IV e, algum tempo depois, já no reinado de Filipe I de Portugal (II de Espanha), é iniciado o processo de canonização, que acaba por ficar sem efeito.

O Papa Clemente X, em 1671, estende o ofício da sua festa litúrgica a toda a Ordem Dominicana, que é celebrada no dia do seu falecimento, a 10 de janeiro.

Desde a Idade Média, e com maior intensidade a partir da construção do Convento de Amarante, a devoção a São Gonçalo jamais parou de se difundir e de propagar não só em Portugal, mas também no antigo além-mar português, merecendo destaque o Brasil, onde várias localidades o têm por padroeiro.

## 2. A primitiva ermida

A tradição e as hagiografias de São Gonçalo são unânimes em afirmar que, após o seu regresso a Portugal, o beato procura um lugar bucólico junto ao rio Tâmega e instala-se numa ermida arruinada.

Para além da localização, junto ao rio, no termo da povoação de Amarante que então despontava, pouco mais se sabe deste primitivo templo mariano.

No seu interior, para além da sepultura de São Gonçalo, e muito provavelmente de um altar dedicado a Santa Maria (Nossa Senhora da Assunção), existiria uma capela dedicada a São Tiago, que, em 1564, pertencia a Francisco Cerqueira Coelho, Cavaleiro da Ordem de Santiago (Craesbeeck, 1992, p. 277), e outra dedicada a Jesus Cristo. Junto a esta, um arcossólio pertencente aos antepassados de Amador de Queirós (Afonso, 2009, p. 217).

À sepultura do venerando Gonçalo de Amarante, aparentemente em campa rasa, fora acrescentado um jacente, como refere Frei Luís de Sousa: “trataram logo de lhe lavrar huma sepultura alta de boa pedraria, e na grossura da lagea, que a cobre, fizeram entalhar huma figura de relevo quasi inteiro com seu habito, e capello” (Sousa, 1977, p. 184). Este jacente datará do século XV e encontra-se sobre a urna que constitui o túmulo de São Gonçalo, um acrescento do século XVII. A crer na descrição do cronista dominicano, a imagem primitiva de São Gonçalo (atualmente na Capela das Oferendas) terá sido esculpida na mesma altura do jacente (Sousa, 1977, p. 184).

Após a fundação do Convento de São Gonçalo, e com o início das obras de construção da atual igreja, a velha ermida manteve-se em funções até 1586 (Afonso, 2009, p. 217).



**Figura 2.** Pormenor do jacente do túmulo de São Gonçalo, do século XV/XVI.

Neste último período, o templo medieval viria ainda a ser agraciado com um retábulo em granito oferecido por D. João III, provavelmente em 1545, aquando da visita do irmão, o então arcebispo de Braga, D. Henrique (Afonso, 2009, p. 219). Este retábulo, com evidentes influências de João de Ruão, viria a ser desmantelado em 1610 (Afonso, 2009, p. 219) e os seus elementos reaproveitados na fonte da cerca do convento e no clerestório da nova Igreja de São Gonçalo.

Segundo as inquirições de D. Afonso IV à Ordem do Hospital de 1348, a ermida de Nossa Senhora da Assunção, que, à data, já se designava de Igreja de São Gonçalo, era o local escolhido para o juramento dos juízes eleitos da Vila de Amarante, ato que tinha lugar em dia de São João Baptista (24 de junho)<sup>5</sup>.

O facto de a cerimónia acontecer neste local poderá significar que a ermida, comumente designada de Igreja de São Gonçalo, gozava de estatuto privilegiado entre as demais igrejas de Amarante. O mesmo comprova ainda que se estava perante um lugar de peregrinação e atesta a consolidação da devoção gonçalina em detrimento da devoção mariana.

Segundo a documentação conhecida, a Ermida de Santa Maria já seria designada de Igreja de São Gonçalo, pelo menos, desde 1279, como confirma o testamento de “Maria Johannis”, lavrado a 18 de maio (Cunha, 1998, p. 187).

<sup>5</sup> “Item Pedro Salvado [...] o juis dos cavalleiros jurava na Igreja de Saõ Gonçalo da Marante” (Saraiva, 1946, pp. 285 -286).

### 3. A fundação do Convento de São Gonçalo de Amarante

Segundo os cronistas da Ordem, a fundação de um convento dominicano em Amarante era um desejo com algum tempo<sup>6</sup>. No entanto, somente em 1538 se iniciam as diligências para o concretizar. Nesse ano, D. João III visita o Convento de São Domingos de Guimarães e aí tem conhecimento do venerando Gonçalo de Amarante, por intermédio de Frei João, que era natural de Amarante. Sensibilizado com a vida deste santo, D. João procura, junto de Frei Jerónimo de Padilha, Visitador, Reformador e Vigário Geral da Ordem de São Domingos, tomar todas as diligências necessárias para a execução de um convento a ele dedicado. Entre elas, a decisão de o construir no local da ermida e para isso é enviada uma missiva à Câmara da *Villa d'Amarante*, que, num primeiro momento, é favorável à sua construção, mas, num segundo, viria a ser contrária. No entanto, prevaleceu a vontade régia<sup>7</sup>.



**Figura 3.** Gravura da vista da Ponte e do Convento de São Gonçalo (Landmann, 1818).

<sup>6</sup> Entre eles Frei António dos Santos, em 1581, e Frei Luís de Sousa, em data igual ou anterior a 1623 (Cunha, 1996, p. 16).

<sup>7</sup> Segundo crónica do vigário de Amarante, Frei António dos Santos, datada de 7 de agosto de 1581 (ADP, 1516-1776).

Para além desta contrariedade, era ainda necessário libertar a futura comunidade religiosa das obrigações fundiárias vigentes, e são tomadas medidas no sentido de desafetar a ermida e a Igreja de São Veríssimo, à qual era anexa, dos direitos da Ordem de Cristo.

Com este intuito, o infante D. Henrique, arcebispo de Braga, doa, a 31 de agosto de 1540, à Ordem de São Domingos, a Igreja de São Veríssimo juntamente com a ermida que lhe era anexa, desde que a Ordem Dominicana aí edificasse um convento.

Liberta que estava das anteriores obrigações, a Província de Portugal da Ordem de São Domingos aceita a doação em Capítulo Intermédio, celebrado em Santarém. A 2 de maio de 1542, o Papa Paulo III confirma e autoriza estas doações.

Em 1543, os dominicanos tomam posse das igrejas e dá-se início à construção do Convento.

#### **4. A construção do Convento de São Gonçalo de Amarante**

Verificado o local por um arquiteto enviado pelo rei e definido o sítio para a implantação de uma igreja de três naves com os respetivos claustros (Sousa, 1977, p. 191), inicia-se a construção do convento, em abril de 1543, com a abertura dos caboucos para os alicerces. A 2 de maio desse ano é solenemente lançada a primeira pedra (Craesbeeck, 1992, pp. 269-270).

O ato foi precedido por uma missa cantada e a primeira pedra foi lançada pelo vigário, o padre Frei João de Ledesma (Sousa, 1977, p. 191).

Uma vez que o rei fundador do convento determinara que não se deveria mexer no local da sepultura do santo, a capela-mor da nova igreja localizar-se-ia no local da primitiva, sobre o rio, com uma orientação este-oeste (orientação canónica), desenvolvendo-se a nave em direção ao morro (atual Colina de Entremuros). A parte conventual, numa orientação sul-norte, apresentaria um desenvolvimento paralelo ao rio (Sousa, 1977, p. 191).

Tal configuração, atendendo ao local de implantação, causou múltiplos problemas desde o início da construção, pela necessidade de desbastar a vertente nordeste da colina, empresa de enorme esforço e que acarretou despesas acrescidas. À medida que a vertente ia sendo nivelada, as dificuldades nem por isso diminuía: ora se encontravam solos arenosos e friáveis que escorriam com facilidade ora se encontravam rochas de enorme dureza que dificultavam o corte. Havia ainda a agravante e a preocupação constante em não danificar a velha ermida que se mantinha em funções<sup>8</sup> (Sousa, 1977, p. 192).

<sup>8</sup> "Porque o coração do monte era huma rocha viva, seca, e ferrenha, que sendo cortada soltava em parte pene-dos grossíssimos, que descia contra a casinha, e sepultura do Santo, com medo, e perigo notável d'ella, e dos trabalhadores. Outras vezes corria montes de terra solta, que prometiam alagar, e soverter a Ermida" (Sousa, 1977, p. 192).

Após a terraplanagem da colina, foi levantado um muro reforçado por socacos, para suporte e contenção de terras. Posto isto, inicia-se a construção do convento.

Entre o muro e os espaços monásticos foi ainda possível construir uma pequena rua de comunicação direta entre os claustros e a via pública. A mediar os espaços, a portaria do convento, localizada junto à porta principal da igreja (Sousa, 1977, p. 192).

Segundo as crónicas dominicanas, o traço e a implantação do Convento de São Gonçalo viriam a ser confiados pelo padre provincial, Frei Jerónimo de Padilha, a Frei Julião Romero, de origem biscainha (Ruão, 1995, p. 24).

Nos primeiros anos, as obras parecem ter decorrido de feição às aspirações do artista biscainho, confirmadas pelo seu depoimento de 1555, numa deslocação que fez à corte (Ruão, 1995, p. 24). No entanto, segundo Rafael Moreira, a deslocação de Frei Julião Romero à corte teve como propósito a discussão de um novo projeto de arquitetura, que passaria pela implementação de uma igreja de nave única com capelas comunicantes, em vez de três naves, com a possibilidade de ser detentora de uma cúpula, embora esta só se torne realidade em 1641 (Ruão, 1995, p. 29).

Alguns dos principais fundamentos que viriam a ser discutidos no Concílio de Trento são aplicados em São Gonçalo de Amarante, ao nível da arquitetura e das soluções decorativas, cujo projeto inicial viria a ser contestado por Frei Bartolomeu dos Mártires (atualmente São Bartolomeu dos Mártires), que, a partir de Trento, procura combater energeticamente, por intermédio do vigário vianense Frei Jerónimo Borges. Para Bartolomeu dos Mártires, à data arcebispo de Braga, o excesso decorativo e a magnificência na arquitetura eram elementos supérfluos e contrários à moralidade cristã (Ruão, 1995, p. 24).

Aparentemente, a primeira fase construtiva corresponderá ao período de Frei Julião Romero e deste datará a fonte de São Gonçalo<sup>9</sup>, de 1545, e a do lavabo da antessacristia, de 1554. Estes dois elementos, de extrema utilidade para uma comunidade religiosa, eram também de enorme importância para a realização dos ofícios litúrgicos, por permitirem as abluções quer do celebrante quer dos peregrinos que já acorriam ao túmulo de São Gonçalo. À fonte de São Gonçalo são-lhe ainda atribuídas propriedades miraculosas, como confirma a inscrição que ainda hoje se pode observar<sup>10</sup>.

Após estas primeiras concretizações, iniciadas junto ao alçado este dos claustros, as obras terão tomado um ritmo mais lento. Em 1586, segundo uma vistoria realizada por Gonçalo Lopes, na vez do irmão, Mateus Lopes (Ruão, 1995, p. 24), responsável pela obra, estavam construídas duas alas do claustro, destinadas a dormitórios, bem como a sacristia, o refeitório, a cozinha e a adega. Os claustros ainda se encontravam ao nível das fundações, estando já em construção o corpo de separação entre ambos (Ruão, 1995, p. 25).

<sup>9</sup> Na sua origem, localizada na cabeceira da capela-mor, muito próxima à capela tumular de São Gonçalo, no patamar de uma desaparecida escadaria de acesso ao rio.

<sup>10</sup> "GONSALLIS O SANTISSIME QUOS / PASCIS HIC AMPLISSIME/ NOS TERGE APINACULIS HOC FONTE ET MIRACULIS" (Cardoso, 1995, p. 8).

A igreja estava em construção, tendo a abóboda por fechar e a nave do lado do Evangelho ainda não tinha atingido a altura máxima para se iniciarem as coberturas. No entanto, já se encontrava finalizado um portal para o claustro e a capela, do lado do Evangelho, de São Tiago, instituída em 1564, e, do lado da Epístola, a do Senhor Jesus e a de Santa Rosa de Lima, instituídas em 1569 (Cardoso, 1987, pp. 6-7).

Entre o período que mediou a demolição da antiga ermida e a construção da capela-mor, as celebrações realizavam-se numa capela improvisada em madeira (Afonso, 2009, p. 219). A nova capela-mor haveria de ficar concluída apenas em 1586, por Mateus Lopes, embora a sua construção tenha sido iniciada por Manuel Luís, em 1581 (Afonso, 2009, p. 219). A este arquiteto são-lhe ainda atribuídos os primeiros registos do pórtico lateral, exceto os capitéis e o entablamento, que seriam construídos ou finalizados por Mateus Lopes (Afonso, 2009, pp. 220-221).

Em 1610, é desmontado o retábulo em pedra e os seus elementos são inseridos no clerestório da igreja, designadamente as cartelas alusivas a santos dominicanos, ao brasão da Ordem Dominicana e à Ponte Medieval de Amarante.

Em 1595, Filipe II de Espanha, I de Portugal, declara-se padroeiro do convento e procura dar um novo alento às obras. No dealbar do século XVII, fecha-se a abóboda da nave, que deveria ser em alvenaria, mas que acabou por ser construída em madeira. Alguns anos depois, em 1611, o arquiteto Luís Marques Lucas desloca-se a Amarante para delimitar duas cercas monásticas, uma para o Convento de São Gonçalo e outra para o Mosteiro de Santa Clara. Entre as duas cercas, uma rua a separá-las. No ano de 1619, finaliza-se a fachada poente e o nártex. A cúpula e o transepto apenas seriam terminados em 1641, por Domingos de Freitas (Carvalho, 2006, p. 59).

Em 1683, o mestre pedreiro e arquiteto Manuel Couto é contratado para finalizar o terceiro registo do portal lateral. Os dominicanos contratam ainda este mestre para a execução de uma *loggia* nesta fachada, na continuidade do portal: a Varanda dos Reis (Carvalho, 2006, p. 61).

Por último, e como remate das obras da igreja, é construída a torre sineira, em 1691 (Lopes e Coutinho, 2001, p. 21), de cujo traço se desconhece o autor, mas sabe-se que os seus mestres pedreiros foram Domingos Moreira, João Moreira e Pascoal Fernandes (Carvalho, 2006, p. 62).

No século XVIII, realizam-se significativas intervenções no Convento de São Gonçalo, sendo a mais evidente a ampliação do convento, pela construção do terceiro claustro que, em 1726, apenas tinha finalizadas as alas sul e poente (Craesbeeck, 1992, p. 285). Em 1733, é celebrado um contrato com o mestre pedreiro António Gomes para proceder à ampliação da capela-mor, a fim de se poder encaixar uma nova tribuna no altar-mor. Para tal foi necessário construir um arco invertido capaz de suportar a pressão das paredes a incidir num renque de cachorros salientes para o exterior (Carvalho, 2006, p. 55). Em 1727, é construído o atual coro alto, como confirma a cartela sobre a porta de acesso à sala do antecoro, e algum tempo depois, em 1762, viria a ser construído o imponente órgão de tubos pelo mestre organeiro Francisco António Solha (Carvalho, 2006, p. 55).

## 5. Descrição arquitetónica do Convento de São Gonçalo

Edifício de planta composta por igreja longitudinal, com exonártex, de nave única dividida em três tramos, com capelas laterais profundas, intercomunicantes. Transepto inscrito, cabeceira tripartida e capela-mor profunda. Entre a portaria do convento, junto à fachada principal da igreja, e o edifício anexo à Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos (vulgo São Domingos), torre sineira de planta quadrangular.

As dependências conventuais são conectadas lateralmente à igreja, a norte, compostas pela justaposição, em eixo, de três claustros retangulares: o Claustro Nobre, o Claustro Maneirista e o Claustro Barroco.

Volumes escalonados, de dominante horizontal, quebrada pelo verticalíssimo da torre sineira.

Coberturas em telhados diferenciados de duas águas, em domo sobre o cruzeiro, e em laçaria cruzada, coroada por pináculo piramidal, de recorte oriental, na torre.

O zimbório, dividido em dois setores, cobertos de telha e de diferente inclinação, é coroado por lanternim, forrado a azulejos de padrão seiscentistas, encimado por esfera armilar com catavento de ferro.

A igreja apresenta fachadas em cantaria de granito aparelhada, rematadas por cornija sob beiral.

**Figura 4.** Fachada lateral da Igreja do Convento de São Gonçalo.



A fachada principal, em empena corada por cruz, é constituída por exonártex. De dois registos, ostenta, no primeiro, galilé de arcos de volta perfeita assentes em largas pilastras toscanas, com cobertura interior em abóbada de pedraria. O segundo registo é constituído por rosácea ladeada por dois janelões retangulares.

A porta principal é em arco de perfil chanfrado. No alçado sul do corpo do exonártex, janela quadrangular em capialço, ao nível do registo superior.

A torre sineira, de fachadas rebocadas, pintadas de branco, com cunhais de cantaria apilastrados, rematados por cornija com pequenas gárgulas de canhão, é encimada por balaustrada com pináculos nos ângulos, idênticos aos que coroam a laçaria. A torre subdivide-se em registos separados por cornija de cantaria – três a sul e a este e dois a norte e a oeste –, por causa da sua localização no talude da colina de Entremuros. Nos dois primeiros registos, as faces sul e este ostentam estreitas janelas molduradas e gradeadas, com relógio na face sul, ao nível do segundo registo, e, no último, sineira com ventanas em arcos de volta perfeita.

A fachada sul da igreja, de composição e decoração mais imponente, é de três panos. No primeiro, encontra-se uma *loggia*, a Varanda dos Reis, ao nível do registo superior, em arcaria de volta perfeita, assente em pilastras toscanas, com mísulas onde se inserem as estátuas dos quatro monarcas que patrocinaram a construção do edifício: D. João III, D. Catarina, D. Sebastião e D. Pedro II.

O interior é rasgado por óculos moldurados quadrilobados, entre contrafortes, que marcam as capelas laterais, repetindo-se o mesmo esquema na fachada oposta.

Acima da cornija de remate, a ritmar a arcaria, podem ver-se pináculos piramidais com esfera. Pano central com portal monumental de três registos, possuindo, no primeiro, porta moldurada em arco de volta perfeita, com pedra de armas dos dominicanos no fecho, ladeada superiormente por medalhões dos reis Salomão e David, enquadrada por par de colunas coríntias, demarcadas no terço inferior, assentes em pedestais paralelepípedicos, com nichos em arco de volta perfeita, com imagens de São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão entre as mesmas. Na base e a encimar os nichos, cartelas decoradas. Registo intermédio constituído por uma fiada de seis colunas coríntias estriadas, entablamento decorado, com imagens, em nichos nos intercolúnios, de São Pedro Mártir, de São Gonçalo com a ponte e de São Tomás de Aquino. O último registo apresenta, ao centro, espaldar reto com imagem em nicho de Nossa Senhora do Rosário, ladeada por quarteirões, e, nos extremos, colunas pseudossalomónicas coríntias. Conjunto rematado por frontão ondulado, coroado pela pedra de armas real e, no tímpano, motivo com volutas. A ladear o espaldar, composição vegetalista e volutada, com pináculos de grandes dimensões.

O pano da esquerda, correspondente a um dos braços do transepto, é rasgado por janelão moldurado, rematado por cornija ondulante e decorado no topo superior e inferior por motivo volutado e concheado.

A fachada posterior, com o corpo da capela-mor em empena, é coroada por imagem do padroeiro, enquadrada por cunhais apilastrados encimados por pináculos.

Ao centro, balcão fechado suportado por largas mísulas, rasgado por janelão retangular gradeado e remate em frontão coroado por cruz. Panos laterais da capela-mor rasgados por janelões em capialço. Pano virado a sul com óculo circular em capialço, com moldura decorada quadrangular.

No ângulo do braço do transepto com a capela-mor encontra-se volume em chanfro, rasgado por duas pequenas janelas em capialço, possuindo a do primeiro registo (réplica da) imagem de Nossa Senhora da Ponte, datada do século XIV.

O interior apresenta paredes rebocadas e pintadas de branco, com coro alto, sobre o exonártex, prolongando-se para o primeiro tramo da nave, suportado por arco abatido, com inscrição – “LAUDATE EUM IN TYMPANO & CHORO/ 1762” –, apresentando cadeiral.

Na porta de acesso ao coro alto pode ver-se a seguinte inscrição: “ANNO/ DE 1586”.

Nave coberta por abóbada de berço, com pintura em *trompe-l'œil* de caixotões, assente em cornija decorada por modilhões, e pavimento em soalho.

As paredes da nave são rasgadas por arcos de volta perfeita, assentes em pilastras jónicas, de acesso às cinco capelas laterais e à entrada lateral, do lado da Epístola, protegida por guarda-vento.

Entre estes, num nível superior, medalhões de pedra, alusivos a santos dominicanos – São Domingos, São Gonçalo e São Tomás de Aquino –, do lado da Epístola, e com o brasão da Ordem Dominicana e a ponte medieval, do lado do Evangelho.

Sobre os arcos, óculos moldurados, encimados por pintura em *trompe-l'œil* de abóbada de lunetas.

O arco da capela central, do lado do Evangelho, encontra-se pintado com motivos vegetalistas.

As capelas são cobertas por abóbada de berço com caixotões de pedra, alguns com pintura mural, e, nas paredes testeiras, retábulos de talha dourada.

Do lado do Evangelho, o batistério e as capelas de Santo António, de Nossa Senhora do Rosário e de São Tiago. Entre a última e a penúltima capela localiza-se o órgão de tubos em talha dourada. Do lado da Epístola, as capelas de Nossa Senhora das Dores e de São Jacinto e, em correspondência ao batistério, a capela da Reconciliação com imagem de Cristo Crucificado em cruz arvorada.

Nos extremos da nave, junto ao transepto, púlpitos confrontantes de talha dourada, com base de pedra escalonada, assente em modilhão, guarda plena, porta decorada por cortina de talha e protegida por baldaquino encimado por estatuária alusiva à paz.

Cobertura do cruzeiro em cúpula de caixotões de pedra e transepto com capelas retabulares de arco de volta perfeita. Braço do transepto, do lado do Evangelho, com porta de acesso ao primeiro claustro, e retábulo colateral do Santíssimo Sacramento. Braço do lado da Epístola, com retábulo de Santa Luzia e retábulo colateral de Nossa Senhora das Graças, antigo retábulo do Senhor Jesus.

Arco triunfal em volta perfeita, assente sobre pilastras sobrepostas jónicas, pintado com motivos florais.

A ladeá-lo, duas grandes colunas com inscrição na base – “ESTE CÔVÊTO FVN-DOU/ EL REI DÕ IOÃO 3. DESTE/ NOME A HÕRA DO GLORIO/SO S. GO DA ORDE DE S. DOS NA/ERA DE 1540 E DEPOIS ELREI/ DÕ SEBASTIÃO SEV NETO ALCÃ/SOV LICÊCA DO PAPA PIO QVAR/TO NO ANNO DE 1561 PERA NES/TES REINOS SE PODER RESAR/ DO DITO. S. E NO ANNO DE 1595 EL REI DOM PHELIPE NOSSO/ SNÕR O 2. DESTE NOME” e “E PRIMRO DE PVRTVGAL MÃ/DOV DECLARAR POR HVMA PROVISAM SVA QVE ESTA REGISTADA NO LIVRO DA CA/MARA DESTA VILA COMO ELLE HE/ PADROEIRO DESTE COVETO/ E COMO TAL DEFÊDE QVE NA/ CAPELLA MOR DO DITO CÔVÊTO/ SE NÃO POSSA ENTERRAR/ NINGEM COMO MAIS LARGA/ MENTE CÕNSTA DA DITA/ PROVISAO QVE ESTA NO/ ARQVIVO DESTE CÔVÊTO” –, pintadas com motivos vegetalistas, coroadas pelas estátuas de pedra de São Pedro e de São Paulo.

A encimar o fecho do arco, pedra de armas real, ladeada por lápides com inscrições: “ESTA CAPE/LA SE ACABOU” e “NO ANNO/ DE 1586”.

Capela-mor coberta por abóbada de berço de caixotões de pedra, com retábulo-mor sobre cripta, formando, inferiormente, duas capelas com escadaria ao centro, de acesso ao nível superior.

Capela do lado do Evangelho com silhar de azulejos de padrão seiscentista e restante parede e teto forrados com apainelados de talha e pinturas alusivas a São Gonçalo; parede fundeira com altar.

Ao centro da capela fica o túmulo de São Gonçalo, em granito policromado, com imagem jacente do santo, com a representação da ponte ameaçada aos seus pés.

Do lado contrário, a capela das Oferendas ou capela dos Milagres, com imagem de São Gonçalo.

Retábulo-mor em talha dourada, precedido por patamar protegido por balaustrada, apresentando planta reta, de três eixos, rematado por cornija ondulante, suportada por anjos inscritos em modilhões, encimada por volutas, formando falso frontão interrompido por composição vegetalista. Eixo central com camarim em arco abatido, com tro-no abaulado. Eixos laterais com mísulas e baldaquinos, com imagem de São Domingos de Gusmão, do lado da Epístola, e de São Francisco de Assis, do lado do Evangelho.

As imagens são enquadradas por par de colunas salomónicas, demarcadas no terço inferior, de ordem coríntia, suportando entablamento.

Sotabanco profusamente decorado, com sacrário sobre a banqueta e altar reto, separado do retábulo.

Antessacristia coberta por teto de caixotões de madeira, com florões ao centro. Parede este com portal de verga reta, ladeado por pilastras molduradas e rematado por cornija reta.

Parede sul com grande lavabo, composto por nicho de verga reta, tendo, inferiormente, bica carranca, ladeada por querubins, enquadrado por colunas coríntias, sobrepostas sobre pilastras da mesma ordem, que suportam entablamento rematado por cornija; o tanque é retangular.

O acesso à sacristia faz-se por portal tardo-renascença de seis almofadas. Possui um teto de caixotões de madeira, com brasão dominicano ao centro e pinturas de grotescos. Paredes com silhar de azulejos de padrão seiscentistas.

Sobre o arcaz, pintura de Cristo Atado à Coluna, moldurado por colunas de talha dourada espiraladas, ladeado por pinturas emolduradas a talha dourada alusivas à vida de São Gonçalo e discurso de Santa Catarina de Sena ao papa.

Dependências conventuais mais baixas do que a igreja, com fachadas rebocadas e pintadas de branco, rematadas por cornija de pedra sob beiral.

Fachada este de um e dois registos, devido ao declive do terreno, rasgada por portas e janelas ritmadas de verga reta, de diferentes tamanhos, algumas molduradas de forma simples e outras mais elaboradas. Há ainda janelas em capialço.

Embebida na caixa murária, fonte de espaldar, conhecida como Fonte de São Gonçalo.

No topo norte da fachada destaca-se volume em empena coroadada por pináculo, enquadrada por cunhais apilastrados, encimados por pináculos abaulados.

Este volume é ladeado por outro, pela direita, com arcaria de volta perfeita no primeiro e no segundo registos, estando a do último fechada por janelas de sacada à face.

Fachada posterior, a norte, com panos murários escalonados, de um e dois registos, rasgada por vãos de diferentes tamanhos, com pequeno corpo quadrangular coroadado por coruchéu com pináculo no topo.

Junto à igreja desenvolve-se o Claustro Nobre, de dois registos, constituído, no primeiro, por alas, com arcaria plena, reforçada no exterior por pilares quadrangulares jónicos, encimados por entablamento toscano com floreiras. Registo superior com colonata jónica, suportando entablamento sob duplo beiral.

Paredes interiores em cantaria aparelhada, no primeiro registo, e rebocadas e pintadas de branco, no segundo.

Pavimento de laje de cantaria e cobertura interior do primeiro registo em abóbada de nervuras, com medalhões relevados nos ângulos, com as figuras de São Gonçalo, de São Tomás, de São Domingos e de São Pedro Mártir.

Cobertura do segundo registo em teto de masseira de madeira. Pátio com pavimento em laje de cantaria, com fonte central.

Por sua vez, o Claustro Maneirista (claustro do Museu) apresenta fachadas rebocadas e pintadas de branco, de dois registos, rematadas por cornija sob duplo beiral.

A ala norte é constituída por corpo retangular, de construção recente, com fachadas depuradas de decoração, em betão pintado de branco e larga superfície envidraçada.

A ala sul ostenta, no primeiro registo, arcaria de volta perfeita, com capitéis decorados, sendo os da fachada sul diferentes dos restantes. O segundo registo é constituído por galeria com colonata que suporta entablamento. As restantes fachadas são rasgadas por janelas molduradas de verga reta, de diferentes tamanhos e decoração.

O Claustro Barroco (claustro da Câmara Municipal) é constituído por arcaria de volta perfeita nas fachadas este e oeste, no primeiro registo, e por janelas de verga reta, de diferentes tamanhos e decoração, no segundo.

A fachada do topo norte apresenta, no primeiro registo, ao centro, portal em arco abatido, ostentando, no lado direito, outro de volta perfeita. O segundo registo é constituído por um grande portal em arco abatido, precedido por patamar com acesso de dois lanços de escada curvos, em lados opostos.

A encimar o conjunto, lápides epigrafadas, com pedra de armas de Portugal (reinado de D. Luís)<sup>11</sup>, com as inscrições “PAÇOS DO CONCELHO” e “ANNO/1867” a ladear as janelas de sacada.

Ao nível do remate, ao centro, a fachada eleva-se por espaldar recortado, coroado por esfera e a ladear pináculos.

<sup>11</sup> Atualmente truncado e desprovido da coroa mural, que terá sido apeada após a implantação da República, em 1910.

## Referências bibliográficas

- ADP – Arquivo Distrital do Porto, 1516-1776. *Convento de São Gonçalo – Amarante. Coleção de vários documentos: Amarante 1*. PT/ADPRT/MON/CVSGAMT/0078. Porto: Arquivo Distrital do Porto.
- Afonso, J. F., 2009. A Herança do Muratore e o Caminho de Coimbra: Consuetudo, Sprezzatura e a Arquitectura Religiosa do Noroeste Português na Segunda Metade do século XVI. In: Câmara Municipal de Amarante, 2008. *Actas do II Congresso Histórico de Amarante*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante. pp. 217-221.
- Aires, A., 2021. *Barcos do Tâmega – Amarante*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante.
- Capela, J. V. e Borralheiro, R., 2009. *As Freguesias do Distrito do Porto, nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: Edição dos Autores.
- Cardoso, A., 1978. S. Gonçalo de Amarante, Lenda e História, o seu Culto, Iconografia Amarantina, *Exposição Biblio-iconográfica*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante.
- Cardoso, A., 1995. O Convento de São Gonçalo de Amarante, Utilização e Reutilizações. *Monumentos*, 3, p. 8.
- Costa, A., 1995. Convento de São Gonçalo de Amarante – Intervenções. *Monumentos*, 3, pp. 30-35.
- Craesbeeck, F. X. S., 1992. *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho, no ano de 1726. I e II*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto.
- Cunha, A. M. R., 1996. S. Gonçalo de Amarante, *Um Vulto e um Culto*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.
- Cunha, A. M. R., 1998. S. Gonçalo de Amarante, Cónego da Colegiada de Guimarães? In: Câmara Municipal de Guimarães – Universidade do Minho, 1998. *Actas do II Congresso Histórico de Guimarães, Vol. V, Sociedade, Administração, Cultura e Igreja em Portugal no século XII*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães – Universidade do Minho. pp. 181-203.
- Landmann, G., 1818. *Historical, military, and picturesque observations on Portugal, illustrated by seventy-five coloured plates, including authentic plans of the sieges and battles fought in the Peninsula during the late war. 2 vol*. Londres: printed for T. Cadell and W. Davies.
- Lopes, A. G. e Coutinho, L., 2001. *Igrejas de Amarante: São Gonçalo. São Pedro. Nosso Senhor dos Aflitos*. Amarante: Paróquia de São Gonçalo.
- Machado, A. S., 1979. *Amarante Medieval*. Amarante: Edição do Autor.
- Ruão, C., 1995. O Convento de São Gonçalo de Amarante: O Microcosmos da Arquitectura Maneirista no Noroeste de Portugal. *Monumentos*, 3, pp. 24-29.
- Saraiva, J. M. C., 1946. *Livro dos Forais, Escrituras, Doações, Privilégios e Inquirições. 1*. Lisboa: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças.
- Sardoeira, A., 1994. *A Antiga Ponte Fortificada de Amarante, Referências a Outras Pontes*. Amarante: Grupo dos Amigos da Biblioteca Museu de Amarante.
- Sousa, Fr. L., 1977. *História de São Domingos. 2*. Porto: Lello e Irmão Editores.
- Sousa, I. C., 1990. A Infância de S. Gonçalo de Amarante, *Entremuros*, 1, pp. 54-57.